
**A EDUCAÇÃO NA MEMÓRIA DE ANTIGAS PROFESSORAS
DA LOCALIDADE DE LAGOA DO PEIXE EM RUSSAS - CE
(1966-1975)**

Rogério Maciel Nunes

Graduando em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Ceará (UECE),
campus Limoeiro do Norte - Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (FAFIDAM).

A EDUCAÇÃO NA MEMÓRIA DE ANTIGAS PROFESSORAS DA LOCALIDADE DE LAGOA DO PEIXE EM RUSSAS - CE (1966-1975)**THE EDUCATION IN MEMORY OF OLD TEACHERS FROM TOWN LAGOA DO PEIXE IN RUSSAS - CE (1966-1975)**

Rogério Maciel Nunes

RESUMO

Esta pesquisa é pautada no ensino de crianças com idades entre 8 e 12 anos, no período de 1966 à 1975, na região de Lagoa do Peixe, interior de Russas-CE. Para realização da mesma toma-se como principal fonte a oralidade de antigas professoras, com as quais foram realizadas entrevistas, em que foram lançadas questões com a intensão que elas falassem sobre suas formações, o dia-dia em sala de aula, o planejamento dessas aulas, além do envolvimento com o contexto social e político da época. Define-se inclusive a temporalidade da pesquisa por tratar-se do período em que, de acordo com as entrevistadas, se deram os acontecimentos que geraram as lembranças mais marcantes, como quando uma delas deixa de ensinar em um quatinho de guardar feijão, por conta de uma inspeção da prefeitura. Buscando no decorrer do trabalho analisar, a partir dos relatos gerados pelas questões colocadas acima, o que era tido como ensino, dentro dos contextos sociais em que se vivia no período, e até aonde ia o papel do professor, enquanto educador e agente do meio social.

PALAVRAS-CHAVE: educação; professoras; interior; comunidades.

ABSTRACT

This research is guided in teaching children with ages 8 and 12, the period from 1966 to 1975, in the region of Lagoa do Peixe, in a country town Russian-CE. For this performing is taken as the main source orality of old teachers, with which interviews were conducted, it were launched questions with the intention they talk about such as their training, day by day in the classroom, planning these classes, beyond involvement in the social and political context of the time. Defines itself based on the temporality of research because it is from the period when, according to the interviewees, events resulted generated the most remarkable memories, as when a their left to teach in a little room of save bean for account of the inspection of the city hall. Looking for this work to analyze, from the reports generated by the questions above, which was taken as teaching within the social contexts lived during the period, and over to where would the teacher's role while educator and agent social environment.

KEYWORDS: education-teachers-country town -communities.

A educação é um dos fenômenos mais significativos dos processos sociais contemporâneos. Segundo Libâneo (2001, p. 7), “a educação é, assim, uma prática humana, uma prática social, que modifica os seres humanos nos seus estados físicos, mentais, espirituais, culturais, que dá uma configuração à nossa existência humana individual e grupal”. Para ele, a educação compreende o conjunto dos processos, influências, estruturas e ações que intervêm no desenvolvimento humano em sua relação ativa com o meio natural e social.

Educa-se e se é educado em qualquer lugar e a qualquer hora, por exemplo, em uma fila, ao termos a oportunidade e não tomarmos a frente de outras pessoas estamos dando um exemplo, educando aos demais, no sentido de que consideramos errado tomar a frente dos outros. Mesmo que pareça simples, são em atos como esse, no dia-a-dia, que sem perceber educamos e somos educados, porém essa educação que trazemos conosco, e que compartilhamos com os outros, nos foi direcionada. Achamos errado tomar a frente do outro por que alguém um dia nos disse que isso era errado, contribuindo para construirmos socialmente essa ideia.

Geralmente, tem-se a ideia de que isso ocorre em um movimento, dos mais velhos para os mais jovens, porém não existem limites com relação a quem educa quem, é nesse processo que as ideias são colocadas, para que por elas sejam orientadas as vidas das pessoas, bem como os rumos da sociedade.

A escola é o lugar que se convencionou ser o local para a educação, um espaço próprio para os fins educacionais. A sociedade diz, e crer, que é para ela onde as crianças e adolescentes devem ser encaminhadas para aprender aquilo que é necessário para uma vida boa e feliz, porém os sentidos atribuídos à vida boa e feliz, e a muitos outros termos usados para definir coisas boas que se alcançaria com uma educação dita de qualidade, estão, na maioria das vezes, intimamente ligados ao pensamento dominante na sociedade, como por exemplo, em uma sociedade capitalista, como a nossa, essas noções de coisas boas alcançadas por meio da educação podem ser definidas, de maneira geral, como uma vida financeiramente bem sucedida, garantindo a possibilidade de comprar aquilo que se deseja ou adquirir o *status* de uma posição financeiramente melhor. Nesse viés a educação se constitui como um caminho para alcançar isso, já que uma melhor educação, teoricamente, garante cargos melhores, recebendo melhores salários.

No entanto, a educação não reflete o que a sociedade como um todo pensa, podendo ela ser usada para diversos fins, como política e economia, além de ter uma importância humana muito forte, pois a formação que é dada as pessoas poderá nortear completamente a vida e as relações pessoais dos indivíduos, mantendo-os dentro de uma ordem, ou ainda podendo fazer com que eles contestem esta ordem.

A imagem da pessoa que domina muitos conhecimentos, e que tem uma base de métodos e teorias seguras, para passar de maneira adequada conteúdos e valores às gerações mais jovens, apresenta-se na figura do professor. Do trabalho do professor espera-se uma série de responsabilidades e metas, que devem por ele ser alcançadas. José Carlos Libâneo, em seu trabalho, *Didática: teoria da instrução e do ensino*, aponta um dos que seriam os principais objetivos do professor como:

Orientar as tarefas de ensino para objetivos educativos de formação da personalidade, isto é, ajudar os alunos a escolherem um caminho na vida, a terem atitudes e convicções que norteiem suas opções diante dos problemas e situações da vida real (LIBÂNEO, 1994, p.71).

Percebemos nas palavras de Libâneo que os conteúdos e as formas como eles são passados para os alunos, são importantíssimos para toda a vida, pois esses conteúdos e as maneiras de proceder dos professores levam os alunos a criarem a sua maneira de ver o mundo, eles ganham sentido nas atitudes dos alunos perante o meio social, o que nos leva a reforçar a ideia inicial de que a educação reflete os interesses de pessoas ou grupos, dado a parcialidade como esses conteúdos são passados, porém os professores por mais que queiram, não agem de maneira unilateral, eles são envolvidos em um processo dialético com seus alunos, que já trazem com si as formações e ideais.

O que Libâneo nos fala a respeito do papel do professor com o aluno, também se aplica do aluno para com o professor, mas deve-se levar em conta que o professor, na maioria dos casos, possui uma vivência maior, tendo passado por mais situações e já assimilado mais conteúdos, de diversos tipos, o que o leva a ter um poder de influência maior sobre seus alunos. Ele possui um discurso mais estruturado sobre aquilo que pensa e o próprio sistema educacional cria o ambiente na sala de aula para que isso fique em evidencia, enquanto o aluno é colocado na situação de pessoa que está construindo a sua formação. Esta perspectiva

concorda com Paulo Freire, quando este ao se referir à educação tomada como narração ou dissertação de conteúdos, que segundo ele, tendem a petrificar-se ou a fazer-se algo quase morto, sejam valores ou dimensões concretas da realidade, implicam num sujeito – o narrador – e em objetos pacientes, ouvintes – os educandos (FREIRE, 1987, p.33).

No entanto, devemos sempre considerar que se tratam de posições nas quais eles são colocados, podendo não refletir a realidade e o aluno estar mais estruturado que o professor em determinado assunto.

Essas questões a respeito das funções da educação e do papel do professor sofrem alterações de acordo com a época e o contexto. As visões que se tem hoje a respeito de educação, bem como os papéis de professor e aluno e a representação destes na sociedade, não são as mesmas de outros tempos e lugares, e os debates que hoje se travam a esse respeito, possivelmente, podem mudar as formas de pensar para o futuro.

Com base nessas questões faremos a análise das experiências e visões de duas professoras, com relação ao ensino de crianças com média de idade entre 8 e 12 anos. Estas professoras ensinaram na região da Lagoa do Peixe, zona rural do município de Russas no estado do Ceará, no período de 1966, quando as entrevistadas começaram a ensinar, até 1975, período em que, de acordo com elas, se deram os acontecimentos que geraram as lembranças mais marcantes, como por exemplo, quando uma delas deixa de ensinar em um quartinho de guardar feijão e leva os alunos para sua casa.

As duas localidades do interior do município de Russas-CE, em que as duas desenvolveram suas carreiras como professoras, não se distanciavam muito, aproximadamente 1,5 km, porém havia uma diferença quanto a seus tamanhos. Uma delas a Lagoa do Peixe, que dava nome a toda à região, se constituía como pequeno núcleo regional, que futuramente se tornaria a sede distrital da região, a outra, Lagoa dos Cavalos, era bem menor, sendo uma comunidade adjacente, ou seja, um povoado que se formou um pouco mais distante do núcleo local.

Nessa região, e nesse período, a organização social se constituía em torno da vida rural e do trabalho no campo. Os pais dos alunos, na maioria das vezes, nunca haviam frequentado a escola, a criação de escolas na região se deu em 1966 (como já dito período em que as entrevistadas começaram a ensinar). Antes disso as possibilidades de estudar eram

basicamente duas: uma era se deslocar para outras comunidades, ou para a sede do município, em busca de escolas funcionando, as distâncias da região da Lagoa do Peixe para esses locais eram superiores a 20 km, passando por estradas completamente desabitadas, sendo que devido à situação da época esse trajeto teria que ser feito a pé, lembrando que se tratavam de crianças que fariam esse percurso sem a presença de adulto responsável, já que os adultos trabalhavam diariamente. A outra opção era pagar para pessoas que tiveram a oportunidade de estudar ensinarem as crianças, no entanto, esta opção só se tornava viável para pessoas com poder financeiro maior, pois aqueles que ensinavam, em sua maioria, tinham uma boa situação econômica, tanto que tiveram essa possibilidade. Esses fatores faziam com que poucas pessoas da região tivessem algum tipo de estudo, por básico que fosse, até antes de 1966.

Para podermos elaborar este trabalho, entrevistamos as antigas professoras fazendo perguntas e lançando questões com a intensão que elas nos falassem sobre suas formações, como elas agiam em sala de aula, o planejamento dessas aulas, além do envolvimento com o contexto social e político da época. Busco analisar nas visões e experiências das professoras, o que era tido como ensino, dentro dos contextos sociais em que se vivia no período, e até onde ia o papel do professor, enquanto educador e agente do meio social. As entrevistas foram divididas por temáticas que consistiam em: contexto da época, formação das professoras, relações com a política e os procedimentos de sala de aula. Por meio dessa divisão, e das relações entre as temáticas, organizou-se a estrutura presente nesse texto.

As entrevistadas foram Maria Arlete da Silva Paula, 62 anos, que ensinou no período de 1966 a 1992, tendo começado aos 17 anos, ensinava em um prédio vizinho a sua casa na localidade de Lagoa do Peixe. O prédio em que ensinava foi construído pela prefeitura de Russas, com terreno doado por seu pai Vital Alves, que era um morador da localidade. Tinha dois compartimentos, um para as aulas e outro para os alunos brincarem, hoje ele ainda continua com a mesma forma da época, como pode ser visto na imagem abaixo:



Figura 1: Prédio onde Dona Arlete ensinou visto de fora
Fonte: Rogério Maciel Nunes, Abril de 2012.

Hoje ele serve como depósito e garagem para a associação comunitária da comunidade. O interior do prédio ainda guarda algumas amostras da época em que funcionava como escola, como pode ser visto na seguinte imagem:



Figura 2: Imagem do ambiente onde as crianças brincavam e merendavam
Fonte: Rogério Maciel Nunes, Abril de 2012.

O prédio tinha aproximadamente 14 por 7 metros. Da porta para a esquerda, (figura 1), era a área onde as crianças brincavam e merendavam; para a direita o espaço onde

se davam as aulas. Dona Arlete ensinava com lousa e giz, as turmas eram definidas como de 2º e 3º series, parou de ensinar por conta de aposentadoria.

A outra entrevistada foi Maria de Lourdes da Silva, 90 anos, ensinou no período de 1966 a 1980, ensinava na localidade de Lagoa dos Cavalos (atualmente parte do distrito do Peixe), começou a ensinar em um quartinho de guardar feijão que pertencia a um irmão. Esse irmão foi quem conseguiu autorização da prefeitura para tornar possíveis as aulas, essa autorização foi conseguida por conta de amizade com o político José Vicente, que tinha influência na Secretaria de Educação de Russas. Depois Dona Lourdes passou a ensinar em sua casa por causa de uma inspeção da prefeitura que tirou às medidas das escolas que funcionavam no município, a mesma mudou antes da inspeção, por que jugou que o quartinho seria reprovado. As aulas eram ministradas com os alunos sentados no chão, depois moradores da comunidade fizeram banquinhos com madeira de carnaúba. Ensinava a alunos de turmas definidas como de 1º e 2º serie, os alunos eram todos da região, embora, alguns morassem em comunidades mais distantes, também ensinava aqueles que a procuravam fora do período de matrícula, em alguns casos até separadamente, se julgasse que havia dificuldades além do que considerava normal.

Essas professoras tiveram situações de vida diferentes, Dona Arlete possuía uma situação melhor, o pai teve condições para mandá-la estudar na sede do município de Russas, além de possuir parentes em Limoeiro do Norte-CE onde também estudou. Estudou até a quinta serie, apesar de ter tido vontade de estudar mais, seu pai seguiu os conselhos de um vereador da época e não a apoiou, ela fala sobre o assunto com muita magoa dizendo: “*O Ocete dizia assim: não Vital, filho de pobre não estuda! ai o pai vai na onda.*” (Dona Arlete, 62 anos).

No que diz respeito a sua formação em sala de aula e a metodologia aplicada ela se refere da seguinte forma:

Era só português e história que elas ensinavam né, só isso, e matemática, era assim que funcionava, passava aquelas contas nera, depois tinha a história de um argumento que era a tabuada sabe, ai ficava perguntando, era pra decorar, ai aquelas pessoas, os alunos, se tivessem dez alunos nera, aquele que não adivinhasse se não dissesse toda, um exemplo, a casa de cinco né se a pessoa não dissesse todinha ai aquele dava um bolo no que não dizia né, era assim, funcionava desse jeito as coisas. (Dona Arlete, 62 anos)

Dona Lourdes era mais velha, quando começou a estudar a situação era mais difícil, além de possuir muitos irmãos o que dificultava para seu pai, ela não pode estudar além da segunda série. Ela guarda lembranças das dificuldades pelas quais as pessoas que estudavam passavam na época, apesar de seu pai ter uma situação financeira razoável para a região, no período, ela e seus irmãos passavam por situações difíceis, ela narra algumas durante a entrevista:

Era de pés [caminhando] que agente vinha, a gente sai lá de casa quando nós vínhamos estudar aqui no Peixe. Só chegava em casa nós almoçávamos e saíamos na carreira, no tempo de inverno era por dentro da lama pra nós chegar aqui, teve dia de tá estudando quando velho Moreira chegava bêbado nós corria tudinho é ia embora, e lá fora quando nós estudávamos com o Raimundo Xavier nós íamos de pés e quando nós estudávamos com o João Bandeira nós ia de pé atravessava por dentro do rio, Raimundo Xavier era lá no Sítio Paraíso, João Bandeira na passagem de Russas.(Dona Lourdes, 90 anos)

Vemos o quanto era difícil conseguir algum tipo de formação, para as pessoas da região nessa época, chegando a irem até localidades como Sítio Paraíso e Passagem de Russas, comunidades que ficavam a mais de 20 km de suas casas, tendo de transpor rios, além de outros desafios, já que se tratava de crianças com idade de 10 a 15 anos.

A partir destas pequenas descrições, a respeito da formação e da vida já como professoras, podemos, mesmo que minimamente, inferir uma noção de qual era a percepção, em geral, dos políticos e das pessoas da região, a respeito da educação e o lugar que esta ocupava, pois o vereador que disse para o pai de Dona Arlete que filho de pobre não estudava era figura de grande visibilidade, sendo inclusive parente de Dona Arlete. Essa ideia era posta em prática pela política da época, como vemos no caso de Dona Lourdes uma escola começando a funcionar em um quartinho de guardar feijão e tendo os próprios moradores que improvisarem banquinhos de carnaúba. Claramente percebemos que a administração local não via a educação como sua responsabilidade, e se via era apenas de forma parcial, inserida dentro de uma lógica do empreguismo, como uma troca de favores, de apoio político em troca do direito de abrir uma escola, ou de empregar alguém da família, claro que as lideranças locais e pessoas mais influentes da região participavam ativamente desse processo, como será visto melhor mais adiante.

Apesar das diferenças de vida e formação as entrevistadas começaram a ensinar por situações que se assemelhavam. Quando perguntadas sobre os motivos que as levaram a

ensinar responderam que foi a falta de pessoas com capacitação para desenvolver o trabalho de professor, e também, o fato de terem sido indicadas por pessoas com influências políticas que acreditavam que elas tinham a capacidade para desenvolver esse trabalho. Dona Arlete quando perguntada sobre se desde cedo já tinha vontade de ser professora, respondeu:

Tinha vontade não, foi uma coisa que aconteceu, assim, por que eu queria terminar os meus estudos pra depois arranjar outro emprego, só que quando eu terminei, na época agente fazia só até a quinta serie, não era, ai foi não tive mais condições de estudar, (...) ai por necessidade, necessidade de professora não era, comecei a ensinar, desde essa época fui me afiando assim de tá vendo curso. (Dona Arlete, 62 anos)

Pessoas como Dona Arlete e Dona Lourdes que tiveram a oportunidade de estudar um pouco mais do que a maioria, ou que demonstravam no dia a dia uma vocação para a docência, eram por diversos motivos, principalmente envolvimento das famílias com políticos, chamadas a desenvolverem trabalhos no campo da educação, isso fica demonstrado nos depoimentos, Dona Lourdes ao falar sobre o processo pelo qual passou para começar a ensinar mostra como o envolvimento político era importante, bem como o apoio de alguém influente na comunidade, ela narra esse processo da seguinte forma:

O prefeito Dr. Zé Martins só perguntou, olha quem foi, foi o Zé Vicente, ele ia ser vereador nê, ai ele pediu ao compadre Antônio uma escola por que tinha muito menino, mas não tinha uma escola, ai ele foi “alumiui” ele, ele só queria se fosse eu, ele disse: mas tem uma coisa ela num sabe ler não ela só tem o segundo ano! ai agente foi pra prefeitura, mas eu naquele tempo não sabia nem o que era telefone, nem nada nera, quando o prefeito chegou aqui me chamando ele já sabia de tudo, ai ele conversando, alguém disse assim: é ela é viúva! eu ouvi a pessoa falando, mas eu não sabia que era com eu, é eu não sabia mesmo, ai ele chamou, o compadre Antônio foi com eu, ai ele disse prefeito ela não sabe quase nada, por mais que ela é curta da vista, mas para o trabalho na agricultura ela não precisa de óculos, agora se você achar que ela pode ensinar essas crianças eu vou comprar um óculos pra ela, agora se achar que ela não pode ser professora eu não vou comprar óculos para ela não, por que ela não precisa de óculos não viu, ele foi só escreveu, perguntou o meu nome e assentou, e ai foi só chamou: Duila! ai Duila veio, ele disse: faça ai um teste ai com essa mulher! foi isso que o prefeito disse pra mim, por mais mandou ela passar um teste pra eu, ela passou o teste eu respondi nê, num teve dificuldade. (Dona Lourdes, 90 anos)

A forma como professores eram selecionados não se baseavam em critérios de competência ou formação, bem característico do contexto da época. A falta de pessoas com a qualificação necessária pode ser compreendida pela situação econômica, e pela própria precariedade da educação na região, que como já dito não recebia grande atenção por parte do poder público, além de se tratarem de comunidades rurais, em que, como visto no

depoimento, existia a ideia de que para trabalhar no campo não era necessário muito mais do que a força física e a coragem.

Portanto, a educação não era vista como algo essencial. A influência desse contexto era apontada por Dona Arlete como um dos principais fatores que dificultavam o aprendizado, ela revela o sentimento que se tinha sobre isso:

Era só para eles aprenderem a ler nê, por que eles não tinham assim, nem isso de dizer eu tô estudando pra isso pra aquilo, as crianças quando chegavam em casa os pais já precisavam levar pro cercado [roça], não era (Dona Arlete, 62 anos)

Esse processo de aprendizagem das crianças numa comunidade rural era difícil dado que nessa época, pós 1964, o planejamento do ensino era voltado para o campo do desenvolvimento tecnológico. Ilma Passos Alencastro Veiga define as características desse modelo da seguinte forma:

O modelo político-econômico tinha como característica fundamental um projeto desenvolvimentista que buscava acelerar o desenvolvimento socioeconômico do país. A educação desempenhava importante papel na preparação adequada de recursos humanos necessários a incrementação do crescimento econômico e tecnológico da sociedade de acordo com a concepção economicista de educação (VEIGA, 1991, p. 34)

Esse modelo educacional, apontado por Veiga, fazia parte da política vigente da época, inclusive para a Lagoa do Peixe, o planejamento que as professoras deviam seguir era feito a partir dele, mesmo que isso não signifique sua aplicação plena, pois devemos considerar que a realidade da região o tornava completamente descontextualizado dificultando o aprendizado e contribuindo para que não houvesse um interesse local na educação, já que naquele contexto um modelo de educação como esse formaria pessoas que não atenderiam as necessidades locais, pois se estava tentando formar pessoas para uma realidade onde haveria um desenvolvimento industrial, o que não era o caso da região. Excluindo a realidade dos alunos causava-se, não só neles, mas na população, quase em geral, um desinteresse, dado a realidade por eles vivida não está incorporada naquelas aulas. João Ricardo Bessa em uma de suas conclusões do trabalho *“História ensinada X História real: onde fica o aluno nessa história”* define como e por que ocorre essa desmotivação quando as aulas fogem a realidade dos alunos:

Ao excluir a realidade dos alunos do processo explicativo da história, o professor corre o risco de ver sua aula fadada ao fracasso, por que nega aos alunos qualquer possibilidade de resgatarem sua historicidade, de assumirem a condição ontológica de sujeitos de sua própria História. (BESSA, 2001, p 116)

Bessa fala sobre o ensino de História, mas isso pode ser levado para o campo do planejamento geral da educação, servindo para ajudar a compreender a falta de motivação pela educação no período aqui abordado. Ainda mais se relacionarmos esse modelo de educação com a forma como o poder público geria a educação em uma região pobre e com grande número de pessoas que nunca haviam frequentado a escola.

Essas dificuldades faziam com que não houvesse muitas pessoas com interesse em se qualificar para a docência, mesmo aquelas que haviam estudado um pouco a mais dos padrões locais, isso se aliava ao fato de, segundo as professoras, o salário ser baixo, além do que as pessoas que mais estudavam na época, e que davam aulas particulares, possuíam situação financeira um pouco melhor e geralmente se encontravam envolvidas, ou pelo menos as famílias, com alguma atividade específica como o comércio ou a criação de gado, um fator a mais para não leva-las a docência, já que tinham situação material, na maioria dos casos, estruturada.

O envolvimento de pessoas importantes nas comunidades com lideranças políticas era muito importante para a escolha de quem poderia assumir o cargo de professor, isso era aceito pela sociedade, que não via na educação grandes expectativas em uma vida muito diferente, daquela que era levada no período. Os depoimentos das professoras mostram que não havia uma preocupação em estudar por parte dos alunos, pois essa ideia de que não haveria expectativas para alcançar uma vida diferente estava cristalizada nas mentes tanto de professoras e alunos como dos pais. O depoimento de Dona Arlete quanto ao desafio de ensinar na época retrata um pouco essa situação:

Não, naquela época quem estudava não tinha muita dificuldade não, porque o interesse do pessoal naquela época era aprender a ler e matemática, não era, não tinha assim essa história de eu tô estudando pra fazer isso, ia acontecendo nê, é diferente de hoje quando a pessoa vai estudar já sabe o que quer nê, nessa época não existia isso não. (Dona Arlete, 62 anos)

A falta de qualificação e o envolvimento político na escolha das professoras ficam claros na fala de Dona Lourdes sobre o processo para ela começar a ensinar. Percebemos em sua fala diversos pontos onde esse envolvimento fica explicitado: uma pessoa diz para o prefeito que a professora é viúva, o que não correspondia à realidade, em seguida o compadre tenta comover o prefeito com a situação de Dona Lourdes, usando pontos que pesariam contra ela a seu favor, para tocar o prefeito, afim de que ela a escolhesse para a profissão, o que iria melhorar a vida dela, vislumbrando inclusive a compra de um par de óculos. Percebemos ainda a escolha de uma professora que não dominava a leitura completamente, isso tudo colocado de forma, como por ela dito, envolvendo questões políticas, pois o prefeito já sabia de tudo, inclusive que o candidato a vereador trabalhava com o irmão de Dona Lourdes, junto à prefeitura na organização da abertura da escola.

O discurso do irmão da professora tende a pedir ao prefeito quase que ele fizesse caridade, o que era algo que marcava a política da época, as pessoas viam as obras realizadas pelo poder público, não como obrigação, mas como favores, o que se caracteriza no discurso de Dona Lourdes, podendo ainda uma resposta negativa do prefeito, representar uma perda de popularidade e apoio na região.

As crianças eram colocadas na escola por fatores que não necessariamente colocavam a educação como um agente de ascensão social, a educação não era prioridade naquele cotidiano, na época valia mais a busca pelo sustento, por meio do trabalho, do que a frequência escolar. O estudo não era visto como algo que iria ou poderia garantir um futuro melhor para o estudante, ao contrário, todo esse contexto fazia com que as famílias vissem o estudo como algo de menor importância, sem tanta necessidade, até por que o tempo na escola significava menos tempo no trabalho, acarretando um desfalque na mão de obra da família.

Essa situação pode ser relacionada a problemas de faltas frequentes por partes dos alunos. Dona Arlete, quando perguntada com relação à frequência, mostra como isso ocorria:

Acontecia assim se o pai fosse, por exemplo, amanhã ia cultivar não era, o menino tinha de ir puxar o boi, aí no outro dia ele vinha: - Dona Arlete, eu não vi por que meu pai me levou pro cercado! - tá bom, meu filho! Pronto era só isso (Dona Arlete, 62 anos).

Se pensarmos como a professora coloca, que não se estudava com um intuito, podemos imaginar que isso era um reflexo da realidade local, já que se tratava quase em totalidade de crianças oriundas de famílias pobres. Porém, fica claro que não havia um interesse por parte de quem controlava os rumos da educação, não haveria também nenhum tipo de incentivo ao estudo com uma finalidade mais específica, tendo em vista também que a conclusão da 5ª série já era visto como algo grandioso. Então não é estranho constatar que nas próprias salas de aula fosse comum tolerar faltas dos alunos para que estes pudessem trabalhar. Isso era tido como uma coisa natural, que não estaria em desacordo com a política desenvolvida para as escolas, sendo que o estudo com um direcionamento e de longo prazo era privilégio de pouquíssimas pessoas, o que mais se levava em conta era o sustento familiar.

A forma como eram planejadas as aulas mostram que elas eram bastante dirigidas de acordo com interesses, os depoimentos mostram bem como isso acontecia, as aulas já vinham completamente prontas da prefeitura cabendo às professoras apenas aplicá-las. Dona Arlete fala da seguinte forma sobre as reuniões de planejamento:

Pois é, ia de pés eu e a Espirito Santo, do Peixe para Russas, chegava em Russas com as pernas doentes, ia lavar com água quente pra poder ir pra frente (...) Ai a pessoa que já tinha aquilo ali tudo, já tinha feito o plano com outra, só repassava pra nós, só isso, pra gente trazer, ninguém num podia perder por que se perdesse ficava perdido o mês todinho. (Dona Arlete, 62 anos)

O planejamento era imposto às professoras, elas deveriam apenas recebê-lo e aplicá-lo, sem poder dar suas opiniões e considerar suas experiências. Ilma Passos Alencastro Veiga fala que esse distanciamento entre quem planeja e quem executa, nesse período, é resultado das escolhas educacionais da época, ela comenta em *“Didática uma retrospectiva histórica”* que “instalou-se na escola a divisão do trabalho sob a justificativa da produtividade, propiciando a fragmentação do processo e, com isso, acentuando as distâncias entre quem planeja e quem executa” (VEIGA, 1991, p. 35).

Essa fragmentação do processo, e a distância entre quem planeja, e quem ensina, caiu naquele contexto de forma a limitar ainda mais o trabalho das professoras, que não podiam trabalhar de maneira a tentar contextualizar aquele planejamento recebido, que vinha de cima para baixo, elas deveriam privilegiar o processo, mesmo que isso significasse um fraco aprendizado, elas tinham de aplicar da forma como recebiam, pois havia uma supervisão. Dona Arlete quando perguntada sobre se poderia adaptar de alguma forma o

planejamento para a realidade dos alunos, ou se pelo menos isso era permitido, responde da seguinte forma:

Tinha de dar, porque elas mandavam assim nê, ai quando elas vinham fazer a supervisão, vinha uma de lá, às vezes passava a de manhã na sala com a gente viu, ai aqueles que estavam mais fracos ela dava a dica pra gente fazer reforço, entendeu como era, era desse jeito. (Dona Arlete, 62 anos)

Esse planejamento de certo modo deveria manter as professoras pressas à linha de pensamento que vinha junto com ele, pois elas não conseguiriam implantar uma metodologia própria, que achassem mais adequadas para os alunos, já que a qualquer momento poderiam ser surpreendidas por uma supervisão, que teria a função de fiscalizar se elas estavam repassando o planejamento. Muito embora isso não as impedisse de fazer modificações a fim de adaptá-lo a suas realidades, elas retratam isso, mesmo dizendo que não o faziam em seus discursos. Vemos um exemplo disso na fala de Dona Lourdes:

Aquela que eu achava que era mais difícil eu deixava, eu só ensinava o que era mais básico. - meus filhos eu quero que vocês aprendam a ler escrever e contar era o que eu mais ensinava, e rezar por que nos tínhamos a obrigação e rezar todo santo dia, mas eu não ensinava certas coisas não. (Dona Lourdes, 90 anos)

Essas mudanças promovidas pelas professoras eram fruto das relações com os alunos no dia-a-dia, algo natural em uma relação que muitas vezes eram mais sentimentais do que profissional, os alunos e as professoras se envolviam além da relação dos planejamentos vindos da prefeitura. Podemos perceber em uma fala de Dona Lourdes como isso acontecia, ela descreve situações que ocorriam durante as suas aulas, porém ela faz isso com um discurso carregado de sentimentos:

Era tudo muito bem, eles tinham muito prazer, na hora de merendar, você conhece o Gildeson, ele quando chegava ele não queria estudar ele ia varrer minha casa, varrer minha sala, às vezes vinha mexer merenda, tinha dia que fazia uma massa de fazer bolinho, ele vinha ajudar vinha carregar, nos colocávamos uma esteira grande lá no chão na hora da merenda, era às nove horas, ele era o primeiro a chegar, para ajudar a despachar a merenda, ele só não queria estudar ele não aprendeu não, ele dizia - mamãe eu tenho tanta pena da Tia Lourdes, - por que meu filho, - ela trabalha tanto faz merenda. Quando eles acabavam tinha a hora do recreio eles iam pro pé de goiaba era mesmo que periquito, ou cajarana, ata tinha muito naquele tempo era um tempo bom ata até num quere mais, era bom, quando acabava tinha o copinho da merenda para lavar, todo mundo ajudava. (Dona Lourdes, 90 anos)

Os sentimentos faziam com que as aulas se tornassem experiências levadas pelos alunos e professoras, mais pelo lado da convivência afetiva do que propriamente pelo dos conteúdos assimilados, essa relação superava o plano de aula, tornando-se importante para a formação moral e cívica dos alunos como percebemos em pequenos detalhes dessa fala, como o sentimento do aluno pela professora e vice versa, e também no gesto dos alunos ao lavarem os copos da merenda, passando aos alunos normas de convivência em uma relação bastante afetiva, tanto que ela fala colocando esses momentos sentimentais acima das situações mais profissionais entre aluno e professor. A própria forma como as aulas eram ministradas são refletidas por elas como coisas simples:

Num era muito puxado não, agente trazia tudinho já vinha as cartilhas com aquelas coisas, distribuía pros alunos, aquilo ali agente ia repassando nê pra eles, não tinha essa história de folha não, num era como hoje, não era na lousa, eles tinham só a cartilha como que fosse a carta, num era como hoje não que as tarefas vem tudo já passado, rodado. (Dona Arlete, 62 anos)

Como podemos perceber as memórias das professoras mostram elementos que ainda hoje estão presentes em nossa sociedade, como a dificuldade por vezes imposta por sistemas educacionais que não levam em conta a situação de alunos e professores. Sendo as aulas baseadas no professor repassando os conteúdos acabados para os alunos, aliados a uma falta de estrutura e incentivo a atividade docente e a educação como um todo.

Este trabalho mostra que mesmo em um contexto de uma época diferente elementos como a parcialidade da educação estão presentes, como direções da forma das aulas que não poderiam ser mudadas, hoje isso ainda persiste, porém com reelaborações para nossa realidade, usando formas às vezes mais sutis como os livros didáticos com os quais a maioria dos professores não concorda, e outras não tão sutis como os baixos salários que fazem os professores não terem tempo para se especializarem ou planejarem formas mais adequadas para desenvolverem suas aulas.

A realidade da época aqui estudada difere de hoje, o papel do professor era visto sob um viés menos profissional, com caráter mais social. O professor ou a professora¹ tinham

¹ Conversas com pessoas mais velhas da região dão conta que havia homens que ministravam aulas particulares, no entanto com relação a aulas em escolas às memórias dos moradores se referem quase que totalmente a mulheres.

um grande reconhecimento perante a sociedade, recebendo quase que um título, que para nosso caso era o de “A professora”, mas esse reconhecimento era mais ligado a sua posição social, já que na maioria das vezes eram filhas de pais respeitados e tinham amizade ou parentesco com figuras políticas. As famílias da região, compostas na maioria dos casos por indivíduos sem formação, viam nas professoras figuras que deveriam ser respeitadas mesmo que isso não significasse um maior interesse pela educação dos filhos, e mesmo que significasse a situação econômica e o modelo de educação dificultavam para a concretização desse interesse na prática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BESSA, João Ricardo. “História Ensinada x História Real: onde fica o aluno nessa história?”. In. : DAVIES, Nicholas (org.). **Para além dos conteúdos no ensino de história**. Rio de Janeiro, Access, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. **Educar em Revista**, [S.l.], n. 17, nov. 2004. ISSN 0104-4060. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/educar/article/view/2074>>. Acesso em: 22 Fev. 2014.

LIBÂNEO, José Carlos. “Didática: Teoria da instrução e do ensino”. In: **Didática**. José Carlos Libâneo. São Paulo, Cortez, 1994.

SILVA, Marcos A. da. “O prazer em história”. In: SILVA, Marcos A. da. **História: o prazer em ensino e pesquisa**. São Paulo, Brasiliense, 1995.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. “Didática: uma retrospectiva histórica”. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.). **Repensando a didática**. 5ª ed. Campinas, São Paulo, Papirus, 1991.

Artigo recebido em novembro de 2013. Aprovado em dezembro de 2013.